

**LIQUEFAZER A PRÓPRIA VOZ PARA ENLAÇÁ-LA A OUTRAS:
VIRGINIA AYLLÓN E ALGUMAS NOTAS SOBRE LIBERALIA**

Flávia Braga Krauss de Vilhena

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Tangará da Serra, Mato Grosso

flaviakrauss@unemat.br

Resumo

Neste trabalho, partindo da noção de função-autor proposta por Foucault (2009), tecemos algumas notas que se sustentam na hipótese de que a escritura de Virginia Ayllón, narradora e poeta boliviana, representaria um deslocamento deste conceito, já que se trama a partir de uma memória discursiva (PÊCHEUX, 1999) que tensiona com a forma-sujeito da sociedade burguesa (HENRY, 1992) e se mostra mais próxima de formações discursivas (PÊCHEUX, 2000) que valorizam a oralidade, os saberes femininos (LACAN, 2008) e a coletividade. Assim sendo, nosso objetivo nesta reflexão se relaciona a um (re)conhecimento deste embate ideológico-discursivo presente em toda América Latina – mas ainda não suficientemente visibilizado – na materialidade textual (seja ela escrita ou falada) do saber-fazer de Virginia Ayllón. Para a escrita deste artigo, partimos dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso materialista, entendida como uma disciplina de entremeio. Dentre os resultados obtidos, ainda parciais e não conclusivos, encontramos uma possível autoria que denominaremos feminina, analisada em Ayllón (e por ela percebida em Adela Zamudio) que, ao partir de uma noção menos jurídica de sujeito, entendido como um bloco monolítico e responsável por sua obra, impulsionaria uma constelação autoral e, assim, a construção de laços sociais via escritura.

Palavras-chave: literatura latino-americana; escrita feminista; saberes femininos; laços sociais.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Flávia Braga Krauss de Vilhena

Professora de Língua Espanhola na Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Tangará da Serra. É doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e coordenadora do Programa de Extensão Curupira Cartonera. Se interessa por temas relacionados às editoras cartoneras, literatura e tradução cartonera.



<http://lattes.cnpq.br/4293187931677214>



<https://orcid.org/0000-0002-2567-0700>

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**LIQUEFAZER A PRÓPRIA VOZ PARA ENLAÇÁ-LA A OUTRAS:
VIRGINIA AYLLÓN E ALGUMAS NOTAS SOBRE LIBERALIA**

Flávia Braga Krauss de Vilhena

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Tangará da Serra, Mato Grosso

flaviakrauss@unemat.br

1 Introdução

Com objetivo de contribuir e abrir um possível diálogo a partir de um dossiê que visa a reunir reflexões em torno à escrita de autoria feminina em língua espanhola, tecemos algumas notas sobre a escritora que mais nos tem chamado a atenção nos últimos tempos: Virginia Ayllón. Ainda tão desconhecida para o público brasileiro, desde nossa leitura, sua voz é uma das mais profícuas na construção de uma Bolívia que prima pela valorização dos saberes femininos (LACAN, 2008), já que se alicerça em uma matriz de leitura e escritura que excede a lógica masculina, fálica, que se sustenta em classificações e hierarquizações, sendo muito inspiradora para pensarmos um feminismo transnacional. Consideramos sua voz como uma das mais férteis, justamente porque trabalha na conjunção de um enlaçamento entre diferentes vozes: é uma voz-plataforma, voz-passagem que faz as vezes de ponte para que outras vozes passem por aí e se apresentem, se façam conhecer e se façam presença.

Assim, sua escrita interessa-nos porque funciona como caixa de ressonância para as vozes de outras mulheres que a precederam ou que a ela são contemporâneas: é uma voz que apresenta, emoldura, sustenta, dá corpo a outras vozes e concepções de mundo em chave feminina. É uma voz que não pretende se erigir como um instrumento solitário a executar uma canção singular e, assim, construir um nome de autora, mas, diferentemente disso, o que busca é historicizar outras vozes e com elas orquestrar a tessitura de uma rede, de um coro de vozes.

Nesse sentido, é uma voz que desloca a definição do conceito de autoria entendida a partir da função-autor desenhada por Foucault (2009) e acaba por deslizar em uma outra, que privilegia a amarração de um laço social. Explicamo-nos melhor: para Foucault, a noção de autor pressupõe a produção de uma obra e, em um sentido mais radical, se aplica aos fundadores de discursividades, como Marx e Freud. No interior do raciocínio foucaultiano, esses dois escritores, além de produzirem uma obra, criaram também “a possibilidade e a regra de formação de outros textos” (FOUCAULT, 2009, p. 280). Gostaríamos, primeiramente, de chamar a atenção para o fato evidente de que tanto o filósofo que desenha a definição de autor

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

quanto os demais pensadores escritores mencionados são homens. Poderia ser uma coincidência, mas não trabalhamos com essa hipótese, dado que em tal leitura existe a pressuposição de um saber fálico (LACAN, 2008) que se relaciona ao mundo jurídico e que permeia esta teorização e a concepção de sujeito que dela advém.

Em nossa interpretação, defendemos que a noção de autoria que se vislumbra na escrita de Virginia Ayllón estabelece um distanciamento com relação à noção de autoria proposta por Foucault, justamente porque parte de uma relação com os saberes femininos, que são da ordem do gozo suplementar, que não se permitem aprisionar em grades linguageiras, ultrapassando, assim, as fronteiras das definições e classificações (LACAN, 2008). Ao ultrapassar um entendimento do sujeito centrado no indivíduo, Virginia trabalha a favor da construção de laços e, deste modo, propicia uma euforização do coletivo, que liquefaz a “forma sujeito constitutiva das ideologias e práticas burguesas” (HENRY, 1992, p. 138). Em nossa interpretação, Virginia constrói sua autoria ao enlaçar e colocar em relação outras autorias.

Mas, voltemos a trabalhar a partir da perspectiva de Lacan: para o psicanalista, a mulher não se escreve porque não admite uma universalização e, assim, não se cristaliza em estado de escrita. Por não se congelarem em uma definição, as mulheres devem sempre serem tomadas uma a uma. Assim, sendo fiéis à lógica do “uma a uma”, vamos esforçar-nos por escrever a respeito de Virginia, ainda que saibamos que as mulheres excedem tudo o que porventura consigamos organizar por intermédio da escrita nesta reflexão. Somando-se a este fato, acreditamos que as apresentações sempre são acolhedoras aos que nos leem e com quem dialogamos, no sentido que iluminam um pouco os lugares e posições (PÊCHEUX, 1995) assumidas pelos sujeitos e escritas entre as quais nos movemos. À apresentação de Virginia agora vamos.

Virginia nasceu em La Paz, em 1958. É poeta, narradora, bibliotecária, crítica literária e editora. A conhecemos, em 2010, por meio de sua escrita, em nossa primeira visita à Bolívia, na cidade de Cochabamba. O livro que marcou esse encontro foi publicado, em 2006, pela Yerba Mala Cartonera: *Liberalia: diez fragmentos sobre la lectura*¹. Desde então sua escrita nos causou fascínio. Se naqueles anos existia uma admiração que não sabíamos muito bem por onde passava, nesta reflexão, esforçamo-nos por esboçar uma cartografia dessa admiração, organizando-a com linguagem e, talvez, justificando-a.

2 Uma leitura como tentativa de laço social

A partir deste ponto de nosso texto, contamos a respeito dos motivos pelos quais escolhemos escrever sobre Virginia Ayllón, concentrando-nos em uma de suas obras. Adiantamos que nossa justificativa será mais biográfica que bibliográfica, já que recorreremos

¹ A obra está integralmente disponível para leitura no catálogo *online* de Yerba Mala Cartonera em <https://issuu.com/yerbamalacartonera/docs/liberalia>.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

à nossa experiência, tanto discente como docente, para problematizar o estado de coisas em que temos vivido nos últimos anos. Assim sendo, ao mesmo tempo em que damos um tratamento eufórico para cenas da vida vivida, denunciemos que também exista uma relação binária (SEGATO, 2010) entre biografia e bibliografia no interior da produção do conhecimento acadêmico.

No interior dessa relação binária, a bibliografia erige-se como o conhecimento universal, de modo que à biografia se destina um estatuto de resto, do que não tem valor e não é digno de menção. “Raspas e restos me interessam”, cantamos junto com Cazuza (1984). Às raspas e aos restos de uma experiência vivida vamos – no caso, da vida a partir da qual tecemos esta reflexão: desde quando frequentávamos o Ensino Fundamental na escola pública do Estado de São Paulo, no início da década de 1990, já nos víamos interpeladas por campanhas estaduais e federais de incentivo à leitura. “Quem lê viaja”, dizia um *slogan*, em algum cartaz na parede do refeitório da escola. Na sequência, cursamos o Magistério, que foi seguido pelo curso de Letras: também desses anos trazemos na memória o fato de sermos constantemente acometidas por uma avalanche de estudos e campanhas que partem do pressuposto do qual compartilhamos de que ler é importante. Temos pensado que essa afirmação está tão arraigada em nossas práticas professorais e reflexões acadêmicas que, muitas vezes, nem nos colocamos questões igualmente importantes, como: O que seria ler? Ler seria importante para que e para quem? O que seria importante ler? Ler não seria mais um ato de consumo no Capitalismo Mundial Integrado do qual fazemos parte?

São essas algumas das possíveis perguntas que nos ressoam a partir da leitura de *Liberalia*: diez fragmentos sobre la lectura, escrita por Virginia Ayllón.

3 Virgínia: uma voz que enlaça a outras vozes

Ao procurar apresentar a autora desde seu próprio ponto de vista, escutamos a seguinte autodescrição acerca de seus interesses acadêmicos e projetos de mundo:

Yo soy escritora, pero soy bibliotecaria de profesión, esa es mi profesión. Antes yo había estudiado sociología, pero no me gustaba el trabajo que hacían los sociólogos, que era muy ajeno, era una especie de paternalismo con las poblaciones pobres que yo no comparto. Me parece importante estudiar la sociedad, pero no quiero ser una paternalista, una que da soluciones, no quiero. Y quería una profesión más cercana a los libros. Luego, entré a estudiar Literatura, pero eran lecturas muy solitarias, lo que me gusta mucho, pero quería una cosa más colectiva. Entonces me dediqué a estudiar bibliotecología, que es una profesión muy pequeña aquí en Bolivia, muy menor. Los

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

bibliotecarios ganamos muy muy poco. Pero esto no importaba porque lo que quería era estar cerca de los libros (AYLLÓN, 2020², comunicação verbal).

Como nos conta Virginia, na escolha de sua profissão aparecia uma vontade de estar perto dos livros como um planejamento de vida. Pelo visto, somos muitas e muitos os que pensamos em algum momento, juntamente com Borges³ (2009), que o paraíso seria uma espécie de biblioteca.

Focando-nos em sua escrita, encontramos que é dela o epílogo que segue a obra já clássica de Silvia Federici: “El caliban y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación originaria”. Neste epílogo, Virginia (2019) escreve que “La recuperación de la memoria, ya se sabe, es un acto de resistencia, porque el olvido es una imperecedera estrategia del poder, en ese sentido, la reparación de toda omisión acusa siempre un signo de redención”. (AYLLÓN, 2019, p. 427)

Se transcrevemos este trecho é porque, ainda que a autora esteja se referindo à obra de outra escritora, nele se lê a importância por ela conferida à memória. Assim, entendemos que esta passagem, em certa medida, ofereça uma possível explicação para o fato de que a obra de Ayllón se coloca como caixa de ressonância de outras vozes, como uma encruzilhada da memória. Deste modo, esta citação explicaria a concepção de escrita da qual parte e os motivos pelos quais incorporaria uma noção de autoria deslocada daquela desenhada por Foucault.

Virginia é uma autora que – ao recuperar a memória, ato este entendido por ela mesma como de resistência – se alinhava com outras autoras, do mesmo modo como nos atesta “El pensamiento de Adela Zamudio” (2019), livro no qual argumenta que: “Adela Zamudio hacía un centro en la escritura de mujeres en Bolivia. Era un centro que alumbraba las escritoras de hacia atrás y nos alumbraba hacia todas actualmente por la escritura y por el tipo de pensamiento que ella tuvo, todo en signo literario”. (AYLLÓN, 2019)

É justamente partindo de uma reflexão ao redor do conceito de autoria que Virginia nos explica porque resolveu estudar e escrever sobre Adela Zamudio:

Quando yo empecé a escribir, sentía lo que algunos críticos llaman la angustia de la autoría que, en el caso de las mujeres, dicen los críticos, al estar siempre devaluada en la escritura de mujeres, no encuentran referentes hacia atrás o hacia un lado o hacia el otro lado. Pues me vino eso, y aparte de conocer quienes estaban escribiendo conmigo en mi generación, sentí la necesidad de ver cuál era mi tradición. Y muy rápidamente me di cuenta de que a pesar de haber estudiado en la carrera de Literatura [...] había leído muy poco a las escritoras,

² Todos os excertos referidos como comunicação verbal (2020) são transcrição da Comunicação feita em 12 de novembro de 2020, durante a participação da autora em uma tertúlia literária (*on-line*) na qual lemos coletivamente a obra aqui resenhada - arquivo pessoal.

³ A afirmação é retirada de um poema, *Poema dos dons*, no qual o escritor faz referência à ironia vivida em sua carne de ser cego e ser nomeado diretor da Biblioteca Nacional Argentina.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

no solamente bolivianas, sino a nivel mundial. Entonces me propuse algo que no es inédito, creo que varias lo hemos hecho, de decir 'Bueno, voy a parar y dos años solamente voy a leer a las escritoras para ver qué es esto, ¿no? Donde me estoy ubicando'. Descubrí un mundo maravilloso. (AYLLÓN, 2019)

Conforme colocado pela autora, a escrita de Adela Zamudio funcionava como um centro – e, interpretamos, como um farol – que iluminava as que tinham vindo antes e as contemporâneas. Em nossa leitura, muito desse saber fazer literário e da concepção de autoria ressoa na escrita de Virginia, que se volta para Adela Zamudio, mas também resgata, ilumina e nos apresenta outras escritoras, como Lindaura Anzoátegui, Hilda Mundy, Virginia Estenssoro e Yolanda Bedregal, para dar alguns exemplos. Assim, foi pela escrita de Virginia que pude registrar a existência de uma rede feminina de escrita na Bolívia e identificar um saber-fazer na construção de uma autoria mais relacionada aos saberes femininos.

Tendo nos aproximado minimamente da autora e da prática de uma autoria que busca iluminar outras autorias estabelecendo redes, a partir de agora, trataremos de contar de forma mais detalhada os motivos pelos quais nos sentimos interpeladas por essa sua *Liberalia* e temos pensado que sua leitura se faz necessária em uma contemporaneidade brasileira, que procura fazer visível o jugo patriarcal que nos molda como sujeitos, para começar a pensar em possibilidades de outras histórias, menos individualistas, estáticas e pré-determinadas.

4 A construção da autoria em *Liberalia* como um saber feminino

A obra sobre a qual teceremos alguns comentários se chama *Liberalia*: diez fragmentos sobre *la lectura*. Como o próprio título anuncia, são dez relatos que versam a respeito da leitura e foram categorizados em sua ficha catalográfica como um ensaio. Em nossa perspectiva, trata-se de uma reflexão que orbita ao redor dos livros e da leitura de modo contextualizado, que nos convoca por meio de um saber situado e nos questiona com relação ao valor que conferimos ao livro como objeto de cultura e à leitura como uma prática cultural. Entretanto, não podemos dizer que o livro seja uma reflexão teórica sobre a leitura; o que temos nesse livro são dez cenas alinhavadas pelo ato de ler, que perpassa todas as narrativas. São dez pequenas narrativas a partir das quais o leitor pode tirar (ou não) sua própria moral da história.

Já no modo de construir seu livro de ensaio, podemos depreender uma relação com os saberes femininos, que se relacionam mais com a *mostração* de corpos concretos em ação, em diálogo, em tensão, em transformação (e com o processo de sensibilização que pode ocorrer ao interagirmos com essas histórias), que com a argumentação e a construção teórica. Como resultado, o que se apresenta é a construção de um saber vivido e sentido, que conta com a participação do leitor para que o texto se conclua, afastando-se de teorias e abstrações e seus consequentes gestos de catequização.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Para além dos dez fragmentos, a obra conta com um pequeno prólogo, justamente intitulado “Fragmentos”; os quais são desestabilizadores de uma concepção já cristalizada socialmente acerca da leitura. Esse prólogo inicia-se com uma crítica a certa noção de leitura totalizante com a qual lidamos cotidianamente no âmbito escolar: “La lectura no puede sino ser fragmentaria. Se lee desde la fracción que se es ese momento [...]” (AYLLÓN, 2006, p. 06). Como interpretamos, trata-se de uma negação que afirma uma condição de existência para a leitura: ela será fragmentada ou não será.

Em nossa interpretação, existe uma apologia à leitura fragmentária que parte do pressuposto segundo o qual o sujeito também é fragmentado. Assim vamos amarrando de nossa parte: se sujeito e leitura são não completos, não-todos, é porque eles possuem condições de formarem constelações. Essa leitura ganha corpo se analisamos a própria escritura de Virginia: uma escrita – como já adiantamos – que traz outras vozes que se enlaçam, se iluminam, se constelam, se configuram como um universo. Nesta reflexão, portanto, estamos tratando de argumentar que existe aí uma noção de subjetividade implicada: a de que os sujeitos não seriam monolitos individuais, mas pequenos fragmentos de uma constelação maior de pensamento e ação.

Tendo feito a afirmação de que ou a leitura será fragmentária ou não será, a autora narra dez cenas de leitura em liberdade – todas muito distintas entre si. Exemplificamos o que dizemos: na primeira cena (AYLLÓN, 2016, p. 07), intitulada “No tenía libros”, há a descrição de uma escola indígena que não possuía biblioteca. Os pais e os alunos dessa escola caçoavam dos professores que somente ensinavam a “leer y escribir” (p. 07). A essa cena de uma escola que não endeusa a leitura e a escrita como único objetivo a ser alcançado no processo educativo, justapõe-se um episódio no qual narra o velório de Griselidis Real – prostituta, escritora suíça e militante pelo reconhecimento da prostituição como profissão – no qual se realizou uma festa cigana, como era seu desejo. Nessa festa, foi possível ouvir um poema de Adela Zamudio, grande poeta boliviana, musicado e acompanhado por uma quena. A autora afirma-nos que Griselidis havia conhecido e admirado a poeta boliviana e, ainda, hipotetiza que a poeta, caso conhecesse Griselidis, também a teria admirado (AYLLÓN, 2006, p. 14).

Como se pode interpretar, ressoa nesta obra uma teoria acerca da leitura e da escrita que advoga que os saberes escolares não nos serão muito úteis, caso não venham de mãos dadas com outros saberes de uma sólida leitura e escrita de mundo. Ao resgatar uma memória discursiva (PÊCHEUX, 1999) – que se relaciona aos modos pelos quais o interdiscurso de deixa ver no fio do discurso – que parte de uma noção de sujeito mais coletiva, que poderia estar relacionada como anterior à contrarrevolução levada a cabo pelo capitalismo (FEDERICI, 2016, p. 44), mas que, no caso em questão, talvez guarde mais relação com os saberes e fazeres dos povos originários (que, por sinal, eram ágrafos), Virginia parte do pressuposto de que a escrita poética e música se confundem, se fusionam e se mesclam com vida e morte, animando – dando *âxima*, espírito, movimento – a ambas.

A autora, oferecendo sua escrita como palco para o jogo de forças entre diferentes noções de subjetividades, ilustra essa arena de luta ideológica entre uma formação discursiva

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

que consideramos mais relacionada à uma cosmovisão andina e uma outra, mais relacionada aos sentidos propostos pelo capitalismo, como podemos ler em: “Unidad Educativa Bill Gates, Ex Unidad Educativa Yolanda Bedregal” (AYLLÓN, 2016, p. 09). Nesse fragmento do ensaio, a autora conta-nos que uma escola chamada Yolanda de Bedregal teve seu nome alterado para Bill Gates, sendo que os pais dos alunos, após a mudança, morriam de orgulho de que os filhos estudassem nesse colégio com nome inglês. Ao arriscar os motivos pela mudança do nome que desembocou em um falso sentimento de empoderamento – já que este, na verdade, se devia a uma identificação com o colonizador/opressor/ “rey del mundo” – a autora nos coloca:

La razón de este nuevo deseo confirma varios hechos; a saber: que Yolanda es un nombre muy común, Bill suena mejor y además tiene las primeras letras del siempre bienaventurado vocablo billete. Que en el cuaderno escolar se ve mejor Gates que Bedregal. Que la computadora es el signo de los tiempos, no la poesía... ¡ni de lejos! Que él es un *self made man* y ella apenas una de las pocas que perteneció a una desconocida Academia Boliviana de la Lengua. Pero la verdad mayor es que el don en cuestión es el rey del mundo, ella apenas, Yolanda de Bolivia. (AYLLÓN, 2006, p. 09).

Ao oferecer sua escrita como tablado para o embate entre essas diferentes formações discursivas, Virginia deixa entrever que existe uma concepção hegemônica do sujeito e de sua relação com o saber, permeada por nossa relação com o capitalismo e com os avanços tecnológicos, e, concomitante, ao se identificar com o lugar e posição (PÊCHEUX, 2009) de mulher boliviana que se afirma como tal, a autora coloca-se na contramão da concepção hegemônica e pode se identificar com suas semelhantes – ao invés de se identificar com o opressor, um *modus operandi* subjetivo muito frequente nos processos políticos contemporâneos ao menos em nosso país.

Com o objetivo de explorar os sentidos possíveis para uma apologia à leitura como liberdade – o que a contrapõe à noção de saber hegemônica, que nos ata à lógica do opressor, como colocado no último excerto –, trazemos a explicação da autora a respeito do título do livro. Em um primeiro momento e objetivando contextualizar sua explicação, Virginia relembra que o objeto livro chega pela mão dos colonizadores como um objeto mais de dominação que de liberação dos povos:

Seguramente ustedes que son lectoras [...] en algún momento han reflexionado sobre lo que significa el libro. En los países (como el nuestro) que han sido colonizados, el libro también ha sido un elemento de dominación. No se permitía leer a los esclavos. No se permitía leer a los indígenas, no se permitía leer a las mujeres, era un objeto destinado solamente a los miembros de la iglesia, a los varones (en la época de colonización) y todo esto significa que leer era un acto de desobediencia. (AYLLÓN, 2020, comunicação verbal)

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Entretanto, estabelecendo oposição a essa significação disfórica, com sentidos relacionados ao de colonização e dominação, a autora vai à etimologia da palavra livro – *liber* – para relacioná-la à natureza íntima do ser e à *Liberalia* – uma festa romana na qual celebravam ao deus Baco – considerada uma festa de liberação:

Y, por otra parte, la etimología de la palabra libro es hermosa. Por un lado tiene que ver con el 'liber' que es la corteza del árbol, la corteza más interior del árbol. Es decir, cuando uno ve un árbol cortado al final final de todo, su tallo, hay una parte muy íntima del libro y eso se llama liber. Entonces el libro tiene una relación muy directa con la naturaleza, con lo íntimo, y, además, por eso precisamente, porque la lectura es un acto de felicidad, de desobediencia, me gustó mucho esa fiesta romana que se celebraban al dios Baco, al dios del vino, al dios de la alegría, donde lo más importante era que los esclavos también podrían ser felices, era un día donde la felicidad reinaba y, entonces, de ahí, viene la palabra "Liberalia", y me gustó mucho poner este título al libro porque lo que está dentro del libro son pequeñas escenas de libertad de la lectura. A veces, como les dije antes, creemos que solamente las personas que tienen dinero leen, o las que han sido educadas en la escuela y hay muchas formas de lectura ¿no? (AYLLÓN, 2020, comunicação verbal).

Após explicitar noção de leitura pela qual advoga e à qual trata de impulsionar como bibliotecária, a autora coloca que, muitas vezes, mesmo no interior da escola podemos mais afastar as pessoas do objeto livro que as aproximar. Por isso, decidiu relatar cenas de liberdade de leitura, como um elogio à pluralidade de caminhos que não importam a ninguém, por serem do âmbito da intimidade:

A veces también la escuela, la misma biblioteca, el mercado del libro, las editoriales, más que acercar las personas al libro, las alejan. Entonces estas escenas/crónicas que yo he reunido muestran más bien como las diferentes personas encuentran su camino hacia el libro ¿no? Y son caminos que no le importan a nadie. Y esto está bien, porque la lectura es un acto muy íntimo. (AYLLÓN, 2020, comunicação verbal)

Como podemos suspeitar já pela leitura da explicação do título da obra dada pela autora, este livro é um elogio à leitura que em muito questiona as práticas que temos levado adiante a partir do objeto livro. Assim, é um elogio, mas também uma crítica à leitura tal como também, muitas vezes, se concebe do lado de cá da fronteira que nos une, mas também nos separa da Bolívia. Como exemplo dessa crítica que aparece de mãos dadas ao elogio, trazemos o décimo fragmento do livro, intitulado "Terrorismo Poético" (AYLLÓN, 2006, p. 17):

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

En una pared:

Tenemos derecho a no leer

La estatua de Don Miguel de Cervantes y Saavedra:

Tenemos derecho a no leerte

La puerta del instituto de enseñanza de la lengua germana:

mira qué daño puede hacer esta lengua

Otra pared:

No lea, baile.

Mais uma vez, ao colocar sua escrita como palco no qual entram em cena diversas memórias discursivas ao redor do ato de ler, Virginia impulsiona uma resistência às concepções de leituras atreladas ao universo do deôntico, do âmbito do “dever ler”. *Liberalia*, ao ser um elogio, mas também uma crítica à cultura letrada, como já havíamos adiantado, acolhe a leitura como um gesto a ser realizado com todo o corpo, muito próximo à música, como já havia aparecido no fragmento que tratava da relação literária entre Adela Zamudio e Grisélidis Real, e que volta a aparecer ressoando o enunciado por uma parede: “no lea, baile”, de modo que mais uma vez nos encontramos com uma memória discursiva que nos deixa entrever uma euforização de uma noção de escrita e poesia muito próxima à música e à oralidade.

Nesse sentido, duvidando um pouco da cultura letrada e apresentando-nos a suspeita de que ela poderia amordaçar corpos ao invés de despertá-los, Virginia nos lança algumas perguntas desestabilizadoras, como no quinto fragmento, “Bibliotecas Públicas El Alto”, no qual narra a gesta libertária de outubro de 2003 na cidade de El Alto. Uma observação feita pela autora é que a cidade não possui nenhuma biblioteca pública, mas que, justamente um pouco antes da revolta popular, muitos eminentes intelectuais abriram as portas de suas bibliotecas particulares para a população. A partir dessa descrição feita sobre os fatos, a autora lança a provocante pergunta: “Quién sabe si las bibliotecas tuvieron que ver con la gesta libertaria andina. O, quién sabe, la valiente insurrección popular tuvo que ver, precisamente, con la ausencia de bibliotecas”. (AYLLÓN, 2006, p. 11)

Ao colocar em xeque o papel das bibliotecas, Virginia é porta-voz de uma memória que nos insinua que ler, em terras colonizadas, também pode ser uma forma de opressão que, muitas vezes, nos envereda por caminhos abstratos, que não nos permitem ler nossa própria realidade e, não raramente, faz com que não nos identifiquemos com nossos lugares. Por este motivo, a autora milita a favor de uma resistência a essa opressão que nos dita o único caminho a ser seguido:

Deberemos resistir las torturas de la Santa Inquisición Letrada: nos harán tragar libros, nos entregarán lingotes de oro para que compremos compulsivamente en sus librerías, nos volverán maestros para enseñar a leer,

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

nos nombrarán miembros de la cámara del libro, seremos jurados de concursos literarios. (AYLLÓN, 2006, p.17)

Deixando ressoar uma memória que nos aponta para uma comparação entre o relacionamento violento que muitas vezes se estabelece a partir do mundo das letras e a Santa Inquisição, temos no fio do discurso o lembrete interdiscursivo de que o cristianismo é a religião estatal desde o século IV (FEDERICI, 2016, p. 80) e que nobreza, burguesia e clero, desde então, estão mancomunados na tentativa de dissuadir e impossibilitar os movimentos heréticos, que construía “tanto uma crítica às hierarquias sociais e à exploração econômica quanto uma denúncia da corrupção clerical” (FEDERICI, 2016, p. 73). De fato, a Igreja sempre acusou de heresia toda forma de insubordinação social e política. Ao interpretarmos a escrita de Virginia como herética, já que denuncia e se coloca contra ao mesmo tempo que liquefaz a forma-sujeito imposta pela sociedade burguesa (HENRY, 1992), o que temos é a denúncia de que o mundo letrado muitas vezes nos violenta ao invés de nos iluminar, como costumamos acreditar. Resistir e rechaçar os modos pelos quais a leitura nos tem sido imposta seria o caminho a seguir para que possamos recuperar a leitura como um ato de prazer, de alegria, de encontro consigo, com o livro, com o outro, estabelecendo laços sociais por meio das páginas do livro:

Pero cuando regresemos del combate, hermanos, celebraremos nuestra amada *Liberalia* y cantaremos, reiremos, comeremos, y, sobretodo, hablaremos. Retornaremos del amado estado de la palabra alada, de la que es dicha para el viento, de la que no quiere instaurar nada. (AYLLÓN, 2006, p.18)

Como proposto, temos um combate a ser travado: o combate contra as regras que nos dizem como, quando e a quem devemos ler. Após vencermos o combate, estaremos de posse de uma pluralidade de caminhos, todos iguais de valorosos, e teremos direito de gozar da *Liberalia*, um estado de corpo e espírito do qual esse livro seria apenas o prenúncio. Assim, poderemos festejar em chave e voz feminina, já que esta é uma voz que não visa à instauração de um outro estado de coisas, a alegria de estarmos vivos intensa e coletivamente, cada vez mais vivos pela leitura, que nos impulsiona a enlaçar nossas vozes a outras vozes e, como consequência deste enlaçamento, nos leva a resgatarmos e sentirmos algo da nossa condição de país latino-americano que ainda hoje tem como pendente a tarefa de se descolonizar. Parodiando o prólogo intitulado “Fragmentos”, que abre a obra de Virginia Ayllón sobre a qual discorreremos nesta reflexão, “La lectura no puede sino ser fragmentaria”, finalizamos este texto afirmando: *Latinoamérica no puede sino ser femenina*.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Referências

- AYLLÓN, Virginia. **Liberalia**: diez fragmentos sobre la lectura. Bolívia: Yerba Mala Cartonera, 2006. Disponível em: <https://issuu.com/yerbamalacartonera/docs/liberalia>.
- _____. **El pensamiento de Adela Zamudio**. La Paz: Plural, 2019.
- _____. Epílogo: Federici en Latinoamérica y Bolivia. In: FEDERICI, Silvia. **Caliban y la Bruja**: mujeres, cuerpo y acumulación originaria. 1ª. Edición. Cochabamba: La Libre/Mujeres, territorios y resistencias/Excepción, 2019.
- _____. Virginia Ayllón y Luis H. Antezana en la presentación del libro “El pensamiento de Adela Zamudio”. **Comunicação oral**. Cochabamba, La libre (Proyecto Social), 2019. Disponível em: <https://www.ramonacultural.com/contenido-r/el-pensamiento-de-adela-zamudio-de-virginia-ayllon/>. Acesso em: 07 maio 2021.
- BORGES, Jorge Luis. **Poesía**. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAZUZA. Maior abandonado. In: BARÃO VERMELHO. **Maior abandonado**. Rio de Janeiro: Opus Columbia, 1984.
- FEDERICI, Silvia. **Caliban y la Bruja**: mujeres, cuerpo y acumulación originaria. 1ª. Edición. Cochabamba: La Libre/Mujeres, territorios y resistencias/Excepción, 2019.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Disponível em: <http://abdnet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Ditos-e-escritos-III-Est%C3%A9tica.pdf>
- HENRY, P. **A Ferramenta Imperfeita**: Língua, Sujeito e Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LACAN, J. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- PÊCHEUX, M. **Remontemos de Foucault a Spinoza**. Trad. Maria do Rosário V. Gregolin, mimeo., 2000.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª. Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- SEGATO, R. Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial. In: QUIJANO, A; NAVARRETE, J. (eds). **La Cuestión Descolonial**. Lima: Universidad Ricardo Palma – Cátedra América Latina y la Colonialidad de Poder, 2010.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Recebido em: 15/05/2021

Aceito em: 15/08/2021

Publicado em: 21/12/2021

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

TO LIQUEFY ITS OWN VOICE TO LINK IT TO OTHERS:
VIRGINIA AYLLÓN AND SOME NOTES ON *LIBERALIA*

Flávia Braga Krauss de Vilhena

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Tangará da Serra, Mato Grosso

flaviakrauss@unemat.br

Abstract

In this paper, starting from the notion of function-author proposed by Foucault (2009), we weave some notes based on the hypothesis that Virginia Ayllón's writing, a Bolivian writer, would represent a displacement of this concept, since it is plotted from a discursive memory (PÊCHEUX, 1999) that relates to the subject form of bourgeois society (HENRY, 1992) and shows itself closer to discursive formations (PÊCHEUX, 2000) that value orality, feminine knowledge (LACAN, 2008) and collectivity. Therefore, our aim in this reflection is related to a (re) knowledge of this ideological-discursive clash present throughout Latin America - but not sufficiently evident yet - in the textual material (whether written or spoken) of Virginia Ayllón's know-how. To write this paper, the starting point was based on the theoretical assumptions of the Analysis of the Materialist Discourse, understood as a discipline in between. Among the results obtained, still partial and inconclusive, we find that there is a concrete possibility of authorship, that will be called "female" here, analyzed in Ayllón's (and perceived by her in Adela Zamudio) which, starting from a less legal notion of subject, understood as a monolithic block and responsible for its work, it would boost an authorship constellation and, thus, the construction of social ties via writing.

Keywords: Latin American literature; feminist writing; feminine knowledge; social ties.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

LICUAR SU PROPRIA VOZ PARA ENLAZARLAS A OTRAS:
VIRGINIA AYLLÓN Y ALGUNAS NOTAS SOBRE *LIBERALIA*

Flávia Braga Krauss de Vilhena

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Tangará da Serra, Mato Grosso

flaviakrauss@unemat.br

Resumen

En este trabajo, partiendo de la noción de función-autor propuesta por Foucault (2009), tejemos algunas notas que sustentan la hipótesis de que la escritura de Virginia Ayllón, narradora y poeta boliviana, representaría un desplazamiento de este concepto, porque se traza desde de una memoria discursiva (PÊCHEUX, 1999) que tensa con la forma-sujeto de la sociedad burguesa (HENRY, 1992) y se presenta como más cercana a las formaciones discursivas (PÊCHEUX, 2000) que valoran la oralidad, los conocimientos femeninos (LACAN, 2008) y la colectividad. De este modo, nuestro objetivo en esta reflexión está relacionado con un (re)conocimiento de este choque ideológico-discursivo presente en toda América Latina – pero no suficientemente visibilizado – en la materialidad textual (sea escrita o hablada) del saber-hacer de Virginia Ayllón. Para la escritura de este artículo, partimos de los supuestos teóricos del Análisis del Discurso materialista, entendido como una disciplina de intermedio. Entre los resultados obtenidos, todavía parciales y no concluyentes, encontramos una posible autoría que llamaremos femenina, analizada en Ayllón (y percibida por ella en Adela Zamudio) que, a partir de una noción menos jurídica del sujeto, entendido como un bloque monolítico y responsable por su obra, impulsaría una constelación autoral y así, la construcción de vínculos sociales a través de la escritura.

Palabras clave: literatura latinoamericana; escritura feminista; conocimientos femeninos; vínculos sociales.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021007	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>